



## A ARTE, A CIDADE E A CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE PARA O ARTISTA PLÁSTICO POTY LAZAROTTO (1924 – 1998)

Mariah Fank\*

A cidade de Curitiba, capital paranaense, comemora seu aniversário de fundação no dia 29 de março. Neste mesmo dia, comemora-se também o aniversário de nascimento de Napoleon Potyguara Lazzarotto, vulgo Poty, conhecido e aclamado por suas obras e monumentos espalhados pelo mundo, mas principalmente, pelas ruas de Curitiba.

Nilson Monteiro afirmou em uma notícia veiculada pelo Jornal Gazeta Mercantil, no dia 09/05/1998, que “onde se anda em Curitiba, há presença de Poty” (MONTEIRO, 2010). Seu trabalho está exposto em diversos painéis pela cidade e é possível que muitos conheçam suas obras, mas não saibam que é de sua autoria. Curitiba e turistas passam todos os dias por alguns lugares como a Praça 19 de Dezembro, Hospital das Clínicas, Centro Politécnico, Praça 29 de Março, Teatro Guaíra e Palácio Iguazu, e muitas vezes não relacionam os painéis que ali estão com a imagem do artista em questão, mas provavelmente saberiam reconhecer seus traços e motivos, caso questionados.

### **Mas afinal de contas, quem é Poty?**

Poty Lazzarotto – nome artístico que passou a utilizar durante sua vida – nasceu em 1924, em Curitiba. Desde pequeno, conviveu com os intelectuais e políticos paranaenses e desenvolveu suas primeiras ilustrações no restaurante de seus pais, conhecido por “Vagão do Armistício”<sup>1</sup>. Foi lá, inclusive, que foi notado pelo interventor do Paraná, Manoel Ribas, que concedeu uma bolsa de estudos na Escola Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro, em 1942, para o artista.

---

\* Mestranda em História, Poder e Práticas Sociais na Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

<sup>1</sup> A história do Vagão do Armistício e também do início da carreira de Poty são contadas em um capítulo do livro de Valério Hoerner Júnior, *Ruas e Histórias de Curitiba*. HOERNER JR., Valério. *O Vagão do Armistício*. In: \_\_\_\_\_. *Ruas e Histórias de Curitiba*. Curitiba: Artes & Textos, 2ª ed, 2002, p. 95-140.



Desde então, a arte de Poty esteve presente em revistas – em parceria com Dalton Trevisan, colaborou ativamente das publicações da Revista Joaquim<sup>2</sup>; capas de livros – ilustrou sua primeira capa em 1943, no livro "Lenda da Herva Mate Sapecada", de Hermínio da Cunha César; e aos poucos, ganhou visibilidade tanto na sua cidade natal, como no país e foi autor de diversos murais, entre eles, o primeiro mural na União Nacional dos Estudantes (UNE), na Praia do Flamengo, sob o tema O Processo de Kafka, em 1948 – destruído durante a Ditadura Militar.

No mesmo período que contribuiu com a revista de Dalton Trevisan, Poty se mudou para a França, onde entrou em contato com a litografia. Por mais que seus trabalhos mais conhecidos sejam os murais, durante grande parte de sua vida, o artista trabalhou como ilustrador e foi autor de diversas capas de livros para autores como Gilberto Freire, Guimarães Rosa e Jorge Amado.

No site da Secretaria de Cultura do Estado do Paraná<sup>3</sup>, consta uma breve biografia do artista, que nos lança mais informações sobre a sua vida e o alcance de sua arte:

(...) Exposições individuais no Rio (1944 e 1948), São Paulo em 1949, Salvador em 1950, Recife em 1951. Em Curitiba expôs no ano de 1948, sendo posteriormente homenageado pelo governo paranaense com Salas Especiais no XVIII Salão Paranaense (1961) e no 5º Salão de Arte Religiosa Brasileira, Londrina em 1969. Esteve no Xingu em 1967 com os sertanistas Orlando Villas Boas e Noel Nutels, ocasião em que fez cerca de 200 esboços sobre hábitos e costumes dos índios. Realizou exposição em Bruxelas e Londres, promovidos em 1968 pelo MIC e em 1969 em Washington, a convite do Itamarati, com uma coleção de talhas. Em 1950 organizou o primeiro curso de gravura no Museu de Arte em São Paulo, tendo também ministrado curso de gravura na Bahia (1951), Recife em 1954 e em Curitiba.

Por mais que grande parte de suas obras remetam aos elementos paranaenses, como araucárias, erva mate e o trabalho na terra, e que sua cidade natal fosse a capital paranaense, é possível notar que a atuação do artista não ficou limitada ao território curitibano, muito menos ao Paraná. Muito pelo contrário, sua estadia no Rio de Janeiro e na França, lhe proporcionou que seu trabalho fosse reconhecido e exposto em vários estados e países.

---

<sup>2</sup> Poty participou de todos os números da Revista Joaquim (1946-48) com ilustrações, notícias e comentários sobre arte e notícias do mundo, durante seu período de estudos no exterior.

<sup>3</sup> Informações retiradas do site <http://www.cultura.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=292> Acessado em 26/01/2015.



Trabalhou até pouco tempo antes de falecer, em 1998, quando um câncer no pulmão o impediu de concluir o seu mural na Hidrelétrica Binacional de Itaipu, em parceria com Adroaldo Renato Lenzi, que o finalizou. Como podemos notar, a vida de Poty Lazzarotto esteve cercada de contatos com intelectuais, artistas e políticos de sua geração. E é por meio dessas relações que estabeleceu no campo artístico e político que se tornou possível seus estudos e visibilidade a sua obra. Gladys Mariotto, em seu texto “Poty e seu tempo” reconhece a importância profissional da realização dos murais para Poty e também a existência de campos de poder que tornaram possíveis as oportunidades de “eternizar” em espaços públicos sua arte:

Com a realização em Curitiba do mural da praça 19 de Dezembro e dois painéis para o Parque de Exposição do Café, Poty Lazzarotto deu início à sua trajetória de muralista no ano de 1955. Esses trabalhos foram resultado de uma solicitação do Governo do Estado do Paraná tendo em vista as comemorações do Centenário da Emancipação do Estado. Esse tipo de convite continuou ocorrendo no decorrer dos aproximadamente 30 anos de produção muralística do artista. E são as trocas que se operam a partir daí entre o artista e seus mecenas que podem nos ajudar a entender as articulações entre os campos de poder político e o produtor da matéria simbólica, no caso, o artista. (MARIOTTO, 2013, p. 11)

E, apesar de ter falecido há mais de 15 anos, Poty Lazzarotto até hoje é lembrado e ressurge em suas “novas” obras – pintadas por ele antes de falecer, porém nunca exibidas –, que vêm do acervo que deixou para seu irmão, que contabiliza milhares de obras finalizadas e em rascunhos. João Lazzarotto, ainda hoje busca por fomento para a criação de um espaço dedicado a preservação do acervo do artista (SITE VEJA CURITIBA, 27/03/2014).<sup>4</sup>

Além disso, até hoje são realizadas exposições com suas obras em todo o Brasil<sup>5</sup>. Porém é em Curitiba que observamos a grande possibilidade de acesso aos seus trabalhos, seja nas galerias de arte – como a Solar do Rosário, que possui um acervo próprio do artista – ou nos museus e ruas. Ou seja, sua obra extrapolou os limites de sua vida e conquista até hoje, novos olhares e fãs.

Dentre várias exposições realizadas em sua homenagem, em 2012, no dia em que o artista celebraria 88 anos de vida, o Museu Oscar Niemeyer, localizado em Curitiba, inaugurou a exposição “Poty, de todos nós”, sob a curadoria de Oswaldo

<sup>4</sup> De acordo com a notícia do site da Veja Curitiba, disponível no link <http://vejabrasil.abril.com.br/curitiba/materia/vida-obra-poty-lazzarotto-1972> Acessado em 26/01/2015.

<sup>5</sup> Inclusive, recentemente ocorreram exposições itinerantes do artista, promovidas do Museu Oscar Niemeyer (MON), em São Paulo/SP e Foz do Iguaçu/PR.



Miranda. A exposição ficou no salão principal e recebeu, de acordo com as notas emitidas pelo próprio museu, cerca de 200 mil visitas.

Entre os cerca de 800 itens, há materiais que nunca foram apresentados ao público, a exemplo de fotos que registram o convívio de Poty com a família e bilhetes e recados bem-humorados que o artista fazia para se comunicar com a sua esposa, Célia. A exposição também abre espaço às ilustrações feitas por Poty, para obras literárias, e para o trabalho que ele realizou com murais e vitrais. Além de estudos pouco conhecidos, como a viagem que realizou ao Xingu e os esboços para o desenvolvimento do livro “Curitiba, de nós”. (SITE MUSEU OSCAR NIEMEYER, 2012)<sup>6</sup>

A partir desta exposição, publicou-se um livro, do mesmo nome, que apresentava as obras expostas e também trazia em anexo um dvd com gravação de depoimentos de pessoas próximas ao artista, os quais retratavam as experiências vividas juntas a Poty, assim como as impressões que possuem do mesmo.

O vídeo, assim como a exposição, reforça por meio dos discursos inseridos em sua publicidade sobre a exposição – advindos da administração do museu, assim como dos organizadores do evento – uma relação intrínseca entre o artista Poty Lazzarotto e a cidade de Curitiba (inclusive, no vídeo há um momento que os depoimentos se referem a essa relação entre o artista e a capital paranaense). Além deste vídeo-documentário sobre Poty, em 2012, a diretora Karla Nascimento lançou em Curitiba o documentário “Pelos traços de Poty”, no qual apresenta as marcas do artista pela cidade, na intenção de abordar sua vida e obra.<sup>7</sup>

Entretanto, esse discurso não está limitado a este caso apenas, mas é reforçado constantemente pelos jornais, principalmente os locais, como Gazeta do Povo e o Estado do Paraná<sup>8</sup>, entre outros. Podemos notar isso na notícia veiculada no dia 18 de março de 2014, no jornal Gazeta do Povo,<sup>9</sup> com o título “No alfabeto curitibano, o P é de...”, na qual se referia a dois “ícones” da cidade, Paulo Leminski e Poty Lazzarotto:

Impossível passear por Curitiba sem se deparar com a obra de Poty Lazzarotto. Seus murais estão por todo o lugar: atrás da Catedral, na Praça do Homem Nu, no Aeroporto Afonso Pena e na Torre da

<sup>6</sup> <http://www.museuoscarniemeyer.org.br/exposicoes/exposicoes/realizadas/2012/poty> Acessado em 26/01/2015.

<sup>7</sup> Mais informações sobre o documentário em <http://pelostracosdepoty.blogspot.com.br/> Acessado em 02/02/2015.

<sup>8</sup> Atualmente, este jornal não é veiculado impresso, apenas online e modificou seu nome para Jornal Bem Paraná.

<sup>9</sup> Notícia disponível no link <http://www.gazetadopovo.com.br/vidaecidadania/aniversario-curitiba/2014/conteudo.phtml?id=1455129&tit=No-alfabeto-curitibano-o-P-e-de> Acessado em 26/01/2015.

Telepar, por exemplo. O artista plástico nasceu no mesmo dia em que Curitiba, sua cidade natal, faz aniversário. Se estivesse vivo, hoje completaria 90 anos. Seus murais o levaram a voos nacionais e internacionais. O turista que vem a Curitiba de avião já começa a conhecer a obra de Poty no aeroporto e provavelmente a verá mais vezes enquanto estiver “turistando” pela capital.

O reconhecimento do artista Poty Lazzarotto não ficou limitado à imprensa e aos meios artísticos. Despertou também a curiosidade de muitos pesquisadores, das mais diversas áreas, o que resultou em muitos estudos e pesquisas em torno de suas obras e vida, como nas pesquisas Sergio Aguilar Silva e Luciana Martha Silveira, José Augusto Alves Netto, Luciano Buchmann, entre outros.

Apesar da variedade de estudos acerca desse tema, existem diversas possibilidades que ainda não se esgotaram. É nesse sentido que surgiu a proposta desta pesquisa que tem por objetivo a análise da relação estabelecida entre a cidade de Curitiba e o artista Poty Lazzarotto.<sup>10</sup> Observada a importância relegada às suas obras espalhadas pela cidade, este projeto investiga a apropriação pela mídia e pelos meios culturais governamentais paranaenses da imagem do artista, que colabora com o surgimento e legitimação de um discurso identitário entre o artista e a capital.

Ao propor uma análise de um discurso dominante, devemos, enquanto historiadores, realizar uma análise aprofundada do conteúdo destas notícias e considerar seu contexto e processo de produção, entre outros elementos que compõem o produto final: a narrativa. Para tal, consideraremos que o discurso, assim como apresentado por Ciro Flamarion Cardoso, pode ser definido de diferentes modos:

Pode ser considerado sinônimo de “fala” no sentido dado ao termo por Saussure (uso contingente da língua pelos falantes, em oposição à “língua” entendida como sistema de signos). Discurso pode, também, ser sinônimo de “enunciado”, “mensagem” ou “texto”, isto é, uma unidade linguística transfrástica, maior do que a frase. Formas de definição mais teorizadas o veem como o conjunto das regras que encadeiam as frases ou grupos de frases para formar um enunciado dotado de coerência, ou, ainda, como o enunciado visto nas condições – linguísticas e, eventualmente, também sociais – de sua produção, portanto, a partir do processo que o gerou. (CARDOSO, 2012, p. 227)

Partimos do pressuposto que a produção do discurso é controlada, organizada e tem o propósito da legitimação de um poder ou ideologia. De acordo com Michel Foucault (1996), é por meio do discurso que se cria uma rede conceitual que torna

---

<sup>10</sup> Trata-se de uma pesquisa recém iniciada junto ao Programa de Pós Graduação em História da Unioeste, Marechal C. Rondon, Paraná.

visível, específica, diferencia e classifica a realidade social. Portanto, para a análise proposta aqui, considera-se o que:

(...) a análise de discurso trabalha com a materialidade da linguagem, considerando-a em seu duplo aspecto: o linguístico e o histórico, enquanto indissociáveis no processo de produção do sujeito do discurso e dos sentidos que (o) significam. (ORLANDI, 1996, p. 36 e 37)

Portanto, é necessário, no que se refere ao trabalho de análise de discurso, compreendê-lo enquanto um mecanismo gerador de significados sociais que, dado certo contexto e situação histórica, conceitua e apreende por meio dos sujeitos a realidade social, bem como suas práticas. Devemos considerar ainda que estes discursos são iniciativas de entidades ou segmentos políticos que estão comprometidos com a defesa de uma causa e a construção de uma dada interpretação.

Ou seja, neste caso, buscam a legitimar uma identidade para o artista plástico que o relaciona com sua cidade natal, Curitiba. É possível observarmos nos materiais de divulgação de sua arte, seja na mídia ou nos próprios encartes de exposições, afirmações e frases como “eles [os murais de Poty] são a cara da cidade” (GAZETA DO POVO, 05/07/1992), “Poty, de todos nós” (MUSEU OSCAR NIEMEYER, 2012), “Curitiba de Poty” (CAROLLO, 25/05 a 17/06/1988), que reforçam essa relação.

Neste sentido, desenvolver uma reflexão sobre a questão de identidade se torna primordial para este trabalho. Utilizamos como base desta discussão o sociólogo Stuart Hall, que conceitua a identidade como fragmentada e fraturada. Além disso, considera que:

(...) elas não são, nunca, singulares, mas multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicos. As identidades estão sujeitas a uma historicização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação. (HALL, 2005, p. 108)

Para realizar a análise do conceito de identidade, é necessário identificar de que maneira a identidade e diferença se relacionam com a questão da representação. Para pensar a questão da representação, utilizamos a noção de representação de Roger Chartier. Segundo ele, essas percepções do social tendem a produzir estratégias e práticas que legitimam o discurso - que não é neutro - e justificam as escolhas e condutas. Dessa forma:

As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são

sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza. (CHARTIER, 1990, p. 17)

Por isso, durante a análise, deve-se buscar investigar o campo de concorrências e competições de discursos que buscam legitimar sua concepção do mundo social, os seus valores e o seu domínio. Nesse sentido, considera-se as representações urbanas. A representação da cidade de Curitiba no imaginário urbano é reforçada e intensificada por meio de uma construção oficial de uma imagem e discurso (GARCÍA, 1997, p. 161-177), como por exemplo a relação estabelecida sobre a capital paranaense e os chamados países de primeiro mundo. Nesse sentido, devemos destacar que:

(...) ela [a cidade] não é mais considerada só como um locus, seja da realização da produção ou da ação social, mas sobretudo como um problema e um objeto de reflexão. Não se estudam apenas processos econômicos e sociais que ocorrem na cidade, mas as representações que se constroem na e sobre a cidade. Indo mais além, pode-se dizer que a História Cultural passa a trabalhar com o imaginário urbano, o que implica resgatar discursos e imagens de representação da cidade que incidem sobre espaços, autores e práticas sociais. (PESAVENTO, 2003, p. 77 e 78)

É essencial compreender de que maneira a construção de uma identidade afeta a questão da representação. Nesse sentido, é a partir do constante uso e tributo a imagem do artista e suas obras, torna-se possível a análise de um discurso de identidade legitimado e apropriado pela mídia e pelos meios culturais governamentais paranaenses. Isso se dá, justamente porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso, intrínsecas a locais históricos e institucionais específicos (HALL, p. 109).

### **Sobre as fontes e a metodologia**

A fonte principal deste trabalho são os jornais paranaenses, como a Gazeta do Povo, O Estado do Paraná, Diário do Paraná, entre outros que aproximadamente desde 1944<sup>11</sup>, veiculam notícias sobre a vida e obra do artista paranaense Poty Lazzarotto. Ao pontuar quais fontes serão utilizadas para esta pesquisa, cabe ao historiador uma preocupação central: ponderar as questões fundamentais relativas ao uso de documentos na pesquisa histórica. Portanto, ao utilizar de jornais e outras mídias de informação, é

---

<sup>11</sup> A notícia mais antiga sobre o tema foi veiculada no Jornal Gazeta do Povo, em 25 de fevereiro de 1944, sob o título “Um destacado artista paranaense”. – *Acervo Poty Lazzarotto*, Biblioteca Pública do Paraná, Curitiba/PR.

necessário compreendê-los como um agente da história e, conseqüentemente, analisá-los de tal modo.

Torna-se necessário relacionar texto e contexto, buscar analisar as ideias contidas no texto inseridas como um discurso, assim como percebê-lo como parte de um conjunto de itens que antecede sua publicação, tais como sua produção, público alvo e consumo (CALONGA, 2012, p. 79-87). Além disso, as mídias de informação buscam por meio de seu discurso indicar modelos e valores de comportamento ao leitor, para tal, apresenta seu conteúdo direcionando e correspondente à ideologia de grupos que compõe o corpo editorial e também a sociedade.

Neste caso, deve-se prestar atenção ao grupo que absorve os discursos, assim como ocupa os espaços culturais, pois esse é o público leitor dos jornais destinados a arte, cultura e que, portanto, apresentam as obras de Poty. Conforme Fernanda Ester Sánchez García (1997, p. 168) desenvolve em seu artigo intitulado “Curitiba anos 90: a imagem urbana revisitada”, no qual desenvolve uma reflexão sobre o discurso dominante e a imagem síntese da cidade que dão origem as representações da vida urbana, durante os anos 90, é importante ter em vista que:

Com efeito, o discurso acerca dos novos espaços culturais produz maior ressonância junto àqueles aos quais implicitamente se dirige. As camadas médias nele se identificam, se refletem. Recorremos a Barthes (1972) quando diz que “o discurso se projeta sobre o outro que lhe serve de espelho e se identifica com ele” (p. 66). As camadas médias querem espetáculos e bons serviços. Buscam a constante elevação do nível de vida pelo consumo acelerado de bens e serviços.

Nesse sentido, é importante considerar as relações e formas de poder que permeiam as notícias veiculadas nas mídias, com a finalidade de compreender qual é a intenção e porque a valorização de determinado nome ou arte. De acordo com Maurilio Calonga (2012, P. 168):

O discurso da imprensa e sua linguagem não se restringiam apenas a um conjunto de vocabulários, mas antes, seriam capazes de desvelar o nível básico das relações sociais. Expressam-se, portanto, através dos jornais, as forças políticas dos grupos que compõe a sociedade (...)

A narrativa que predomina as notícias veiculadas até os dias de hoje sobre o artista paranaense buscam retratar um sujeito com características de gênio em sua área, mas sobretudo, curitibano. Essas notícias representam Poty como parte intrínseca à capital. Como se ele não existisse sem sua cidade natal. Isso é possível notar na matéria de 24 de março de 1974, do Jornal Estado do Paraná (ESTADO DO PARANÁ,





24/03/1974), que, em uma legenda na imagem que ilustra a notícia, afirma: “Poty, um curitibano que nunca deixou sua cidade, mesmo morando no Rio, gosta de chope, carne-de-onça, tem saudade dos aperitivos no “Buraco do tatu”.”. Os elementos ali apresentados criam proximidade com o público leitor que compactua dos gostos e/ou reconhece neles a cidade de Curitiba.

Além dos jornais, consideraremos como fontes os documentos oficiais relacionados às obras públicas tombadas como patrimônio do Estado do Paraná do artista plástico Poty Lazzarotto instaladas pela cidade de Curitiba. Do mesmo modo que se exige cautela e método para a utilização de outras fontes para a pesquisa histórica, devemos utilizar e compreender um documento oficial além de seu papel objetivo, analisando-o enquanto um agente histórico. Portanto, realizada a crítica interna e externa, investiga-se essa fonte com a interpretação das relações sociais, dos grupos de poder, assim como dos espaços que ocupa e interfere, que a perpassa. Ainda, considerar esses elementos junto ao seu contexto de produção.

Outros materiais a ser considerados neste projeto de pesquisa, são as entrevistas existentes e a ser realizadas com os curadores de suas exposições, amigos e pessoas envolvidas na promoção da vida e obra do artista. Alguns documentários sobre a temática foram produzidos, um deles, produzido em Curitiba, em 2012, foi o curta-metragem “Pelos traços de Poty”, dirigido por Karla Nascimento. Outro documentário produzido, citado anteriormente, acompanha o livro “Poty, de todos nós” (SANDRINI, 2012) em anexo. Consiste em um conjunto de entrevistas gravados em DVD que o homenageiam. São aproximadamente 40 minutos de vídeo composto por 23 entrevistas, com seu irmão, amigos e admiradores.

Para esta análise proposta, o historiador deve ter em mente que se trata da combinação de duas análises: da produção de um documentário e de entrevistas. Ou seja, para a análise do vídeo, devemos considerar que “deve-se tratar esse objeto de estudo como um conjunto de representações que remetem direta ou indiretamente ao período e à sociedade que o produziu” (VALIM, 2012, p. 285), além disso:

O que se propõe é compreender a produção cinematográfica em si, enquanto obra de arte que possui várias dimensões, que perpassam o discurso histórico que ela visa constituir. Um filme que constrói sua versão de uma história carrega em si a tensão entre a inventividade de seus autores/produtores e as limitações impostas pelas normas e convenções. (SOUZA, 2012, p. 75)



Este vídeo em questão, dirigido por Estela Sandrini e produzido em parceria entre a Secretaria de Cultura do Estado do Paraná e o Museu Oscar Niemeyer, se divide em momentos temáticos, como um momento em que os entrevistados relatam suas primeiras impressões sobre Poty, apresentam sua técnica, contam curiosidades e histórias do mesmo e, a parte que mais nos desperta interesse, um momento intitulado como “Curitiba”, no qual falam sobre a relação entre o artista e a cidade. Uma das falas de Geraldo Pougy representa claramente a relação entre a cidade, o artista e a identidade: “Essa identidade curitibana que um pouco tá se perdendo na medida em que a cidade cresce, se sofisticada, fica mais cosmopolita. Um pouco disso vai se diluindo, né? A obra do Poty mantém muito desse trabalho.” (DOC. POTY, DE TODOS NÓS, MON, 2012)

Como se trata de documentários e curtas-metragens que apresentam seu conteúdo principalmente por meio da entrevista, torna-se primordial compreendermos o uso da História Oral na pesquisa histórica, assim como sua estreita conexão com a questão da memória.

(...) a história oral pode ser perfeitamente incorporada ao arsenal de recursos à disposição do historiador por meio da observância de exigentes procedimentos metodológicos (Ferreira e Amado, 1998). Na verdade, boa parte das ressalvas dirigidas à história oral aplica-se igualmente a qualquer outro tipo de evidência relatada, aí incluídas fontes escritas das mais tradicionais (atas, relatórios, etc.), que, muitas vezes, são liberadas de um escrutínio mais cauteloso por força do fetiche da palavra escrita. A grande particularidade é que, no caso da história oral, os historiadores participam interativamente tanto da geração do documento, quanto da articulação da trama institucional que define seu contexto de emergência tanto no mundo acadêmico, quanto fora dele. (FERREIRA, 2012, p. 184)

A história oral nos possibilita problematizar a História e ter acesso às múltiplas histórias em seu interior. Além disso, para Alessandro Portelli (1997, p. 31), esse tipo de fonte possui outras potencialidades:

A primeira coisa que torna a história oral diferente, portanto, é aquela que nos conta menos sobre eventos que sobre significados. Isso não implica que a história oral não tenha validade factual. Entrevistas sempre revelam eventos desconhecidos ou aspectos desconhecidos de eventos conhecidos: elas sempre lançam nova luz sobre as áreas inexploradas da vida diária das classes não hegemônicas.

Portanto, no caso das entrevistas já existentes e produzidas, é possível problematizar com qual intenção os amigos de Poty Lazzarotto abrem ao público

histórias de sua vida privada, histórias essas que representam o artista em momentos de interação, amizade e humildade, principalmente. Tratam-se de entrevistas direcionadas a um público que consome Poty e que, por meio desse vídeo, buscar ter acesso ao artista além dos seus murais e obras.

Neste trecho do vídeo e em outros momentos, observa-se a relação entre a entrevista e a memória. Para este trabalho consideraremos a discussão realizada por Maurice Halbwachs (2004) que ao ponderar sobre a questão da memória individual e da coletiva, propõe que a memória individual vai se constituir também a partir da lembrança dos outros. As memórias coletivas são fruto de sentimentos, reações e paixões de determinado grupo de referência do indivíduo.

Ainda em relação a memória, torna-se necessário pontuarmos acerca do conceito de “memória cultural” apresentado pelos pesquisadores alemães Aleida e Jan Assmann, que se refere a “lembranças objetivadas e institucionalizadas, que podem ser armazenadas, repassadas e reincorporadas ao longo das gerações”. Nesse sentido, a Memória Cultural nada mais é que “heranças simbólicas materializadas em textos, ritos, monumentos, celebrações, objetos, escrituras sagradas e outros suportes mnemônicos que funcionam como gatilhos para acionar significados associados ao que passou.”<sup>12</sup>.

Entre todas as leituras voltadas à metodologia de uso dos jornais, documentos oficiais, vídeo e história oral, considera-se importante também, para atender a esta proposta, voltar-se ao tema e justificativa principal deste trabalho: Arte e História. Por meio de leituras que relacionam estas duas áreas do saber, tornou-se possível conhecer e compreender os cuidados que nós historiadores devemos ter ao lidar e analisar obras artísticas. Alguns pesquisadores deste campo foram consultados para este trabalho, como Maria Lúcia Bastos Kern, Luciene Lehmkuhl (2010), Maraliz de Castro Vieira Christo (2012), entre outros.

São vários aspectos metodológicos salientados em seus textos, entre eles o conhecimento do contexto artístico, político e intelectual do artista, que nos possibilitam conhecer ou até mesmo especular as concepções absorvidas pelo mesmo, na finalidade de investigar a influência do seu meio em sua arte (KERN, 2013, p. 119-142). No caso de Poty, reconhecer as influências de suas experiências no exterior, bem como em

---

<sup>12</sup> Trechos retirados da notícia “Memória cultural: o vínculo entre passado, presente e futuro”, escrita por Flávia Dourado, para o site do Instituto de Estudos Avançados (IEA). Disponível em <http://www.iea.usp.br/noticias/memoria-cultural> Acessado em 05/02/2015.



outras localidades brasileiras além de Curitiba, sua cidade natal, torna acessível reconhecer as marcas delas em seus murais e técnicas.

Luciene Lehmkuhl nos apresenta outras preocupações com o trabalho de imagens e obras, trata-se de investigar obra de arte em seus aspectos técnico, estilístico e temático, tanto quanto com os estudos dos contextos de produção e apreciação/difusão, mais a busca de significações iniciais e ulteriores (2010, p. 62). Portanto, a obra artística não é apenas a simples representação de algo, mas possui em si valores ideológicos políticos e sociais, ou seja, sua análise exige que seja considerado os diversos aspectos que a compõe, sejam estes internos ou externos.

### **Considerações finais**

Dada a riqueza de fontes acerca do tema, apesar da diversidade de trabalhos voltados a vida e obra de Poty Lazzarotto, não há um trabalho que se preocupe em compreender o discurso da mídia e dos meios oficiais acerca da relação entre o artista e a cidade de Curitiba. O conjunto documental levantado até o momento, consistente em fontes primárias de rico conteúdo, que permitirão explorar um pintor e aspectos ainda não trabalhados pela História Cultural dedicada às artes plásticas no país.

Além disso, uma série de trabalhos têm sido produzidos nos últimos anos sobre História e Arte, reconhecida a importância da interdisciplinaridade no estudo da História. Com base nestes referenciais teóricos e metodológicos, pretendemos nos aproximar de perspectivas de análise que permitam trabalhar as conexões entre discurso, Arte e identidade.

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da história. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.) *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005, p. 155-202.

BUCHMANN, Luciano. Reprodução da ideologia dominante em aulas de artes em Curitiba: A influência dos painéis de Poty Lazzarotto. *Trabalho apresentado no Seminário de Dissertação da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC*, Florianópolis, 2007.

CALONGA, Maurilio Dantielly. O jornal e suas representações: Objeto ou fonte da História? *Comunicação & Mercado*. Dourados, MS: UNIGRAN, vol. 01, n. 02, 2012, p. 79-87.



CARDOSO, Ciro Flamarion. História e textualidade. In: \_\_\_\_\_.; VAINFAS, Ronaldo. *Novos Domínios da História*, Rio de Janeiro: Elsevier, 2012, p. 225-241.

CASTILHO, Regina de Barros Correia. *Poty: O lirismo dos anos 90*. Curitiba, PR: Solar do Rosário, 2010.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: Entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 1990.

FREITAS, Artur. Arte e movimento estudantil: análise de uma obra de Antonio Manuel. *Revista brasileira de história: História e manifestações visuais*. São Paulo, ANPUH, vol. 25, nº 49, 2005, p. 77-97.

CHRISTO, Maraliz de Castro Vieira. Mulheres cativas na pintura de Raymond Monvoisin. In: FLORES, Maria Bernardete Ramos (org.). *História e Arte: Imagem e Memória*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2012, p. 139-149.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História Oral: Velhas questões, novos desafios. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. *Novos Domínios da História*, Rio de Janeiro: Elsevier, 2012, p.169-186.

FOUCAULT, M. *A Ordem do Discurso*. São Paulo: Loyola, 1996.

GARCIA, Fernanda Ester Sánchez. Curitiba anos 90: a imagem urbana revisitada. In: Souza, Celia Ferraz de; Pesavento, Sandra Jatahy (org.) *Imagens urbanas: os diversos olhares na formação do imaginário urbano*. Porto Alegre: Editora da Universidade, UFRGS, 1997, p. 161 – 177.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Ed. Centauro, 2004.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 4ª ed., 2005, p. 103-133

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11ª ed, Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOERNER JR., Valério. O Vagão do Armistício. In: \_\_\_\_\_. *Ruas e Histórias de Curitiba*. Curitiba: Artes & Textos, 2ª ed, 2002, p. 95-140.

KERN, Maria Lúcia Bastos. América Latina: artes visuais, modernidade e projeções utópicas. In: FLORES, Maria Bernardete Ramos; PIAZZA, Maria de Fátima Fontes (org.). *História e Arte: movimentos artísticos e correntes intelectuais*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011. p. 119-142.

LUCA, Tânia de. Fontes impressas: História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.) *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005, p. 155-202.



LEHMKUHL, Luciene. Fazer história com imagens. In.: PARANHOS, Kátia R.; LEHMKUHL, L.; PARANHOS, Adalberto. *História e Imagens: textos visuais e práticas de leituras*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010. p. 53-72.

MARIOTTO, Gladys. *Os murais de Poty: A preocupação social do moço de Curitiba*. Curitiba: Arché Cultural, 2013.

NETTO, José Augusto Alves. O signo e o emblema - a formação da identidade histórico cultural paranaense na obra de Poty Lazzarotto. *XXIV Simpósio Nacional de História*, RS: São Leopoldo, 2007.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Discurso: Fato, dado, exterioridade. In: \_\_\_\_\_. *Interpretação: Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996, p. 36 e 37.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Correntes, campos temáticos e fontes: Uma aventura da História. In: \_\_\_\_\_. *História & História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003, p. 69-98.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a História Oral diferente? *Projeto História*, São Paulo, n. 14, 1997, p. 25-39.

SANDRINI, Estela; et al. *Poty, de todos nós*. Curitiba, PR: Museu Oscar Niemeyer, 2012.

SILVA, Sergio Aguilar; SILVEIRA, Luciana Martha. O mundo do trabalho na arte mural de Poty Lazzarotto: Um estudo inicial sobre as possibilidades de trabalho com a imagem artística no ensino de História. *Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE*, UTFPR, 2009.

SOUZA, Éder Cristiano de. O uso do cinema no ensino de História: Propostas recorrentes, dimensões teóricas e perspectivas da educação histórica. *Escritas*, vol. 4, 2012, p. 70-93.

VALIM, Alexandre Busko. História e Cinema. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. *Novos Domínios da História*, Rio de Janeiro: Elsevier, 2012, p. 283-300.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 4ª ed., 2005, p. 07-72.

### Sites consultados

<http://www.iea.usp.br/noticias/memoria-cultural> Acessado em 05/02/2015.



<http://www.gazetadopovo.com.br/vidaecidadania/aniversario-curitiba/2014/conteudo.phtml?id=1455129&tit=No-alfabeto-curitibano-o-P-e-de>

Acessado em 26/01/2015.

<http://www.cultura.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=292> Acessado em 26/01/2015.

<http://www.museoscarniemeyer.org.br/exposicoes/exposicoes/realizadas/2012/poty>  
Acessado em 26/01/2015.

<http://pelostracosdepoty.blogspot.com.br/> Acessado em 02/02/2015.

<http://vejabrasil.abril.com.br/curitiba/materia/vida-obra-poty-lazzarotto-1972> Acessado em 26/01/2015.